

CORES

**Actas do VII Colóquio da Secção Portuguesa
da Associação Hispânica de Literatura Medieval**

Isabel de Barros Dias
Carlos F. Clamote Carreto

Capa de: Esperança Marques

Copyright © **UNIVERSIDADE ABERTA**

Palácio Ceia - Rua da Escola Politécnica, 147

1269-001 Lisboa

www.uab.pt

e-mail: cvendas@univ-ab.pt

DL: 320783/10

ISBN: 978-972-674-702-4

Printed by Publidisa

A *coloratio* do texto medieval: cores, autores e manuais

Manuel Ramos

Universidade do Porto (Faculdade de Letras)

Introdução

Color (*khôrma*, em grego) é um termo da Retórica e, tal como outras categorias, não tem na Idade Média o mesmo sentido que tinha na época clássica; e, mesmo na época clássica, este conceito é passível de mais do que um sentido. O conceito (que, etimologicamente, significa a cor ou tinta que serve de carácter distintivo ou que, adicionada a um objecto, serve para lhe dissimular o aspecto real) surge primeiramente equivalente a *ornatus*, a virtude que concede beleza literária ao discurso e é a principal constituinte da *elocutio* retórica. As categorias que concedem, por assim dizer, *coloração* ao discurso são: a sinonímia, as figuras de dicção e de pensamento, os tropos e a *compositio* sintáctica. Mais tarde, na literatura que abordava os exercícios retóricos escolares que preparavam para a carreira de rétor e advogado, as *controversiae*, o termo *color* surgirá com o sentido técnico de “deslocação parcial da verdade” ou “mitigação parcial dos factos” ou, ainda, “direito de colorir a verdade”. Os intervenientes numa questão de direito vêem os factos de forma diferente e *pintam* os agentes do processo de forma diferente: o acusador exagera, o defensor atenua. Na Idade Média, toda a figura ou tropo que concede beleza à linguagem tem o nome de *color*, e *colorare* significa o acto de empregar as figuras ou ornamentos. Daí a expressão *colores rhetorici* para designar o *corpus* de tropos e figuras que inúmeras obras desenvolverão.

1. O termo *color* equivalente a *ornatus*

A teoria da *elocutio* apresentava, ao lado dos três tipos de estilos: *gravis*, *mediocris* e *humilis*, as qualidades do estilo sem as quais não há verdadeira persuasão. São elas: uma virtude gramatical, a *latinitas* (é a pureza ou correcção idiomática do discurso), e três virtudes retóricas: *perspicuitas* (clareza linguística), *ornatus* (beleza da expressão linguística do discurso a qual se consegue sobretudo com o uso de figuras e tropos) e *aptum* (conveniência do discurso com factores internos e externos de produção). Por conseguinte, a *elocutio* perfeita devia comportar quatro aspectos: falar um bom latim (*latinitas*), com clareza (*perspicuitas*), com ornato (*ornatus*) e a propósito (*aptum*). De todas as qualidades da *elocutio*, o *ornatus* é a principal.

Umás vezes os termos vulgares são suficientes para exprimir o que se deseja e não é preciso ornamentar o discurso porque já possui a sua ornamentação natural, mas, outras vezes, se a linguagem vulgar fosse usada, representar-se-ia a realidade imperfeitamente. É aqui que entra a ornamentação, os *colores*, através da eleição de sinónimos apropriados,

através do emprego moderado de tropos (figura da palavra, pois só têm em conta o tratamento de uma palavra), de figuras: figuras de dicção (afectam a expressão linguística), figuras de pensamento (afectam a expressão das ideias), e através da *compositio* sintáctica (arte de colocar com elegância as palavras nos membros, os membros nas frases, as frases nos períodos). Os *colores*, a que Cícero chama *lumina* (luzes, lâmpadas), concedem coloração poética ao discurso, aumentam o seu valor estético e «são por lei da natureza [...] um aliado do sublime»¹, proporcionam deleite (*delectare*) e, embora mais raramente, também comovem (*mouere*) os ouvintes a aceitarem ou rejeitarem algum pensamento ou acção, pelo que são criadores de persuasão.

Da variedade e frequência da sinonímia, figuras e tropos, resulta um discurso matizado. É costume recorrer ao uso de imagens extraídas de vários domínios, para mostrar a coloração que aqueles elementos concedem ao discurso. Assim, umas vezes, o discurso é comparado a um lauto banquete, no qual os sinónimos, figuras e tropos são como sal (*condimentum*) que dá sabor aos alimentos; ou então os sinónimos, figuras e tropos são como lâmpadas (*lumina*) que iluminam uma casa; ou são como jóias (*gemmae*) de um tesouro que resplandecem num porta-jóias; outras vezes, o discurso é comparado à imagem de um jardim ou campo florido, no qual os elementos do *ornatus* estão para o discurso como as flores estão para esse jardim ou campo florido; ou então o discurso é comparado à imagem de um quadro, no qual os elementos do *ornatus* estão para o discurso como as cores estão para esse quadro.

Apesar de as cores concederem brilho e prazer, quer à pintura, quer ao discurso, há limites para o seu uso; em excesso causam saciedade e são fastidiosas:

Ad Heren. 4, 11, 16: A todos os tipos de estilo, o elevado, o médio e o simples, as figuras retóricas aumentam a distinção [...] Dispostas em número reduzido, realçam o discurso como se fossem *colores*, mas se se colocam em grande número, sobrecarregam-no².

De oratore 3, 25, 100: Como em tudo, o fastio é vizinho dos prazeres intensos. Por isso, não nos admiremos disto no estilo, onde podemos observar que, quer na poesia, quer na oratória, um estilo eufónico, bem marcado, artístico, festivo... - por mais que a poesia ou um discurso sejam de brilhante colorido -, não podem agradar durante muito tempo.³

2. O termo *color*: manipulação parcial dos factos

No âmbito da Retórica, não da *elocutio* mas dos exercícios escolares fictícios que preparavam para a carreira de advogado e orador, as *controversiae*, *causae* ou casos legais,

¹ Longino, *apud* Vickers, Brian, *Storia della retorica*, Bolonha, Il Mulino, 1994, p. 395.

² *Retórica a Herenio* (introd., trad. y notas de Salvador Núñez), Madrid, Gredos, 1997. Versão latina: «Omne genus orationis, et grave et mediocre et adtenuatum, dignitate adficiunt exornationes [...] quae si rariae disponentur, distinctam, sicuti coloribus, si crebrae conlocabuntur, obliquam reddunt orationem.»

³ Cicerón, *Sobre el orador (De Oratore)* (introducción, traducción y notas de J.J. Iso), Madrid, Gredos, 2002. Versão latina: «Sic omnibus in rebus voluptatibus maximis fastidium finitimum est; quo hoc minus in oratione miremur in qua vel ex poetis vel oratoribus possumus iudicare concinnam, distinctam, ornatam, festivam, sine intermissione, sine reprehensione, sine varietate, quamvis claris sit coloribus picta vel poesis vel oratio, non posse in delectatione esse diuturna.»

o termo *color* (*chroma* em grego) ganhou outra acepção. Passou a significar: uma específica estratégia argumentativa com o valor de deslocamento parcial da verdade; mitigação ou manipulação parcial dos factos, fruto do interesse e habilidade do orador/advogado; interpretação dada por um falante relativamente a acontecimentos, pessoas ou motivações de um caso legal. Deve-se a Hermágoras, o criador da *stasis*⁴ com a qual o termo *color* mantém estreita ligação, a criação deste conceito que, depois, como tantos outros, passou da retórica grega à latina.

Efectivamente, as duas partes que se afrontam numa questão de direito, a acusação e a defesa, vêem os factos de forma diferente e “pintam” os factos objectivos e os agentes do processo de forma distinta. Ao passo que o orador/advogado acusador apresenta na sua argumentação o *reus* a uma luz desfavorável ou de reprovação por meio de retoques negativos, o orador/advogado defensor esforça-se por suavizar o caso judicial em favor do seu cliente e apresenta a sua personalidade e comportamento sob a forma de retoque ou colorido favorável ou de justificação. Dá-lhes, por assim dizer, uma demão de cor mais favorável, dizendo p. ex. (são exemplos de *colores*): que a acção do seu cliente estava moralmente correcta; ou então que ele, ao actuar como actuou, procurava prevenir um resultado pior; ou que ele estava a retaliar uma ofensa anterior; ou que o seu acto foi mau, mas a vontade era boa; ou que o verdadeiramente culpado foi outrem (um estranho ou o acusador) e não ele; ou que não estava no uso pleno das suas faculdades; ou que a sua condição social e cultural jamais o levariam a cometer tal crime (argumento baseado no *ethos*); ou que actuou de acordo com a sua consciência, ou de acordo com a lei; ou ainda que cumpriu ordens.

É com este sentido que o termo *color* surge na obra de Quintiliano, mas sobretudo na obra que o rétor Séneca escreveu no século I, de nome *Oratorum et rhetorum sententiae, divisiones et colores*, e que na Idade Média será conhecida pelo título vulgar de *Declamationes*⁵. Aborda casos fictícios de direito que serviam para treino oratório de aspirantes à advocacia e que ele recolheu a partir do desempenho dos oradores que ouviu ao longo da sua longa vida. As *Declamationes maiores* e as *Declamationes minores*, erroneamente atribuídas a Quintiliano, e a obra retórica de Calpúrnio Flaco e de Enódio, da qual só nos restaram fragmentos, eram do mesmo tipo, exploravam igualmente o conceito *color* e serviam os mesmos propósitos formativos.

Segundo Quintiliano (IV, 2, 88)⁶, há duas maneiras de falsear o discurso: ou apoiando-se o orador em documentos probatórios falsos; ou então, valendo-se do seu talento, recorrer, p. ex., aos *colores*, já que implicam o verosímil, a aparência e a dissimulação. É por isso que o

⁴ Sobre a *stasis* vd. Ramos, Manuel, «Os lugares, *topoi* ou *loci* da invenção retórica», no VI Colóquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval, Faculdade de Letras da Universidade do Coimbra, 2006.

⁵ Séneca, Marco Anneo, *L. Annaei Senecae oratorum et rhetorum sententiae divisiones colores* (edidit H. J. Müller, Hildesheim [etc.]), Hildesheim, Georg Olms, 1990.

Continha originalmente dez livros de *controversiae* (casos fictícios de género judicial) e um de *suasoriae* (casos fictícios de género deliberativo), para instrução de aprendizes da carreira de orador e de advogado, mas perderam-se vários livros e quatro prefácios.

⁶ Quintiliano de Calahorra, *Sobre la formación del orador. Obra completa*, Salamanca, Universidad Pontificia Salamanca, 1996 (V tomos).

termo *color* é um conceito fundamental do discurso parcial. Mas nem todos são eficazes. A cor credível envolve *inventio*, credibilidade e sustentabilidade; a cor credível requer cuidado, desenvolvimento sistemático em todo o discurso e não deve estar em contradição com o que habitualmente é verdadeiro; o que quer que se finja deve ser possível, credível e com sentido; deve ser coerente com uma circunstância verdadeira; deve ser congruente com a pessoa de quem se fala, com o lugar e as circunstâncias. Além disso, deve o orador manter uma versão única, prestar atenção ao que inventa, nunca inventar nada que uma testemunha possa contradizer, e o que quer que diga deve ser confirmado por argumento que faz parte da causa. E como o que é falso costuma esquecer e como “A mentira tem a perna curta”, deve o mentiroso ter boa memória para não cair em contradição.

Para exemplificar o termo *color*, tomemos como exemplo a *controversia* III do Livro I das *Declamationes* de Séneca⁷, onde se aborda o caso de uma *rea* acusada de incesto. O tema é o seguinte:

Segundo a lei: “A mulher que cometeu incesto seja precipitada da Rocha”. Ora, uma sacerdotisa vestal foi condenada por incesto. Antes de ser precipitada da Rocha, invocou Vesta e sobreviveu. Deve aplicar-se de novo a pena?

Os diversos oradores estão divididos quanto ao assunto (*thema*). Cada um aborda o *thema* pondo em relevo determinados argumentos e pontos de vista, ora a favor, ora contra a *rea*, tentando influenciar os juízes que os escutam. Para uns ela deve ser de novo precipitada da Rocha; outros, porém, vêem na sua sobrevivência um claro sinal da intervenção divina e argumentam que deve antes regressar ao templo. São exemplos de *colores* dizer, p. ex.: que se fosse culpada os deuses não lhe teriam concedido a graça da salvação; que havia invocado Vesta no seu sofrimento e que a deusa escutou-a; o templo deverá de novo ser a sua morada; foi precipitada da Rocha, mas desceu absolvida; ela já cumpriu a pena ao ser precipitada da Rocha; a lei não afirma que a que sobreviveu à queda deve ser de novo precipitada.

3. O termo *color* na Idade Média

Na Idade Média, depois do séc. XI, foi prática comum referir-se ao *corpus* de figuras e tropos, que os tratadistas da teoria gramatical e retórica registam nas suas obras (efectivamente tropos e figuras unem a Gramática e a Retórica), como a um *color*, e *colorare* significa o acto de empregar as figuras ou ornamentos no texto e é actividade que aproxima o escritor do pintor. É um novo sentido do termo, localizado no campo do *ornatus verborum*, e muito mais próximo do clássico termo *color* como bela apresentação literária e metáfora da pintura, pela coloração que concede, do que do sentido que tem nas *controversiae*: específica estratégia argumentativa.

Parece dever-se ao tratado *Rhetorici colores* de Onulf de Speyer⁸, redigido em 1050, a primeira designação do termo “*colores rhetorici*”. Por este nome é designado um conjunto de 26 das mais importantes figuras retóricas extraídas do *Ad Herennium*, que Onulf escreveu

⁷ Séneca, Marco Anneo, *L. Annaei Senecae oratorum et rhetorum sententiae divisiones colores* (editit H. J. Müller, Hildesheim [etc.]), Hildesheim, Georg Olms, 1990.

⁸ Segundo Murphy, James J., *Rhetoric in the Middle Age*, Berkeley, Univ. of California Press, 1974, p. 189, 190.

para instrução dos alunos de *trivium* na escola da catedral de Speyer onde era monge e mestre de artes.

Todavia, este termo nunca adquiriu na Idade Média uma limitação precisa, já que as listas de *colores* (número e qualidade), sendo inconstantes e não estando clarificadas, variavam de autor para autor, quer entre os gramáticos (*colores gramatici*), quer entre os rétores (*colores rhetorici*). Além disso, uns tratados só incluem entre os *colores* as figuras, outros, as figuras e os tropos, outros incluem os tropos, figuras e metaplasmos. A este nível a *preceptística* medieval nada tem de regular.

4. Manuais mais influentes que contém cores

Na Idade Média, eram abundantes os manuais que abordavam o *ornatus* retórico e apresentavam listas de *colores*, mas poucos desenvolveram o tema de forma original. A *Retórica a Herênio* (séc. I) e o último dos três livros da *Ars Maior* de Élio Donato, que circulou separadamente sob o título de *Barbarismus* (395-402)⁹, sua primeira palavra, foram as obras mais influentes e as que conformaram em maior grau a doutrina das figuras e tropos na Idade Média. Curiosamente, trata-se de um manual de retórica e de um tratado de gramática. A *Institutio oratoria* (Livros VIII e IX) de Quintiliano¹⁰ era aquele que mais desenvolvia o tema do *ornatus*, mas o seu tratado era pouco divulgado e circulava em texto mutilado. O mesmo se diga do *Orator* de Cícero¹¹ e do *De oratore*¹²: eram conhecidos da Idade Média em códices mutilados e pouco divulgados.

O primeiro, a *Retórica a Herênio* (presente nos catálogos das livrarias portuguesas), o mais influente manual no campo da *coloratio* do texto medieval, foi o primeiro livro de retórica a contemplar um catálogo de figuras, 64 ao todo, o qual se converteu, a partir do séc. XI, numa lista padrão para muitos escritores medievais. Já fixa a nomenclatura latina de algumas figuras que posteriormente irá ser adoptada; já faz a distinção entre figuras da palavra (ou de dicção) e do pensamento, e já possui 45 figuras da palavra e 19 de pensamento. Entre as figuras da palavra, já indica 10 figuras especiais, às quais uma tradição posterior ligada a Quintiliano atribuirá a designação de tropo. Não aborda, porém, o termo metaplasmo, que só ficará estabelecido com os *Latini Rhetores Minores*. Os exemplos que fornece para cada figura são relativos à realidade histórica e social romana.

O segundo, o *Barbarismus*¹³ de Donato, a cartilha gramatical durante toda a Idade Média e mesmo depois, contém uma explícita análise da “licença poética” ou “falta permitida”, i. e, dos metaplasmos, figuras da palavra (*schemata verborum*) e tropos (*tropi*) e é o primeiro exemplo de uma obra ligada ao magistério gramatical a difundir igualmente conteúdos retóricos. São justamente esses conteúdos retóricos, os *colores*, que unem as duas disciplinas do *trivium*: Gramática e Retórica. Este facto revela como, durante a Idade Média, o ensino gramatical se uniu ao ensino da retórica, mas sem se fundirem numa só.

⁹ Donato, *Ars Maior* (ed. de Heinrich Keil), *Grammatici Latini*, 7 vols., Leipzig, vol. IV, 1864.

¹⁰ Quintiliano de Calahorra, *op.cit.*

¹¹ Cicerón, *El orador (Orator)* (introd., trad. y notas de A. Tovar y A.R. Burdajón), Madrid, CSIC, 1992.

¹² Cicerón, *Sobre el orador (De Oratore)* (introd., trad. y notas de J.J. Iso), Madrid, Gredos, 2002.

¹³ Vd. *Ars Maior* de Donato, *op. cit.*, vol. IV, p. 367-402.

Em termos de *coloratio*, os manuais assinalados foram relevantes, mas não foram os únicos. Vale a pena referir: alguns dos *Rhetores Latini Minores*¹⁴, que iniciaram a tradição retórica de escrever libelos inteiramente dedicados às figuras e tropos, especialmente o *Liber de figuris sententiarum et elocutionis* de Áquila Romano, o qual ampliou o quadro das figuras para cerca de duzentas; a obra enciclopédia de Cassiodoro (séc. V-VI), *Institutiones divinarum et saecularium litterarum*¹⁵, que dedicava a sua segunda parte às artes liberais, à Retórica e à análise das figuras nos Salmos: *Expositio in Psalterium*; o *Liber de schematibus et tropis* de Beda, o Venerável (VII-VIII)¹⁶; as *Etymologiae* (presente nos catálogos das livrarias portuguesas) de Isidoro de Sevilha¹⁷ (séc. VII) que associam a gramática (a partir de Donato) com a retórica (a partir de Cassiodoro), eis porque os *colores* tanto surgem na parte dedicada à gramática (“De schematibus” I xxxvi; “De tropis” I xxxvii), como na dedicada à retórica (II xvi-xxi); e os tratados gramaticais: *Catholicon* (1286) de João Balbo¹⁸, que contém uma larga lista de *colores*; *Graecismus* (1212) de Eberardo de Béthune¹⁹ (presente nos catálogos das livrarias portuguesas), com uma lista de 103 figuras; e o *Doctrinale* de Alexandre de Villedieu²⁰ (presente nos catálogos das livrarias portuguesas).

Quanto às restantes *artes* medievais²¹, para lá das *artes rhetoricae*, as *poetriae* (a mais invulgar dos géneros retóricos medievais, destinadas à composição poética de qualquer obra em prosa ou poesia para instrução escolar) foram, em termos de *coloratio*, aquelas que mais desenvolveram o *ornatus* e fizeram-no a partir do modelo da *Ad Herennium*. E é plenamente compreensível, dada a fusão que ocorreu na Idade Média entre a *ars rhetorica* e a *ars poetria* e a partilha de iguais objectivos. Edmund Faral demonstrou a importância do

¹⁴ Além de Áquila Romano, vale a pena referir: Rutilio Lobo, *De figuris sententiarum et elocutionis*; *Id., Schemata lexeos*; Júlio Rufiniano, *Liber de figuris sententiarum et elocutionis*; *Id., De figuris sententiarum*; *id., De schematis lexeos*; *id., De schematis dianoae*; Anónimo, *Carmen de figuris uel schematis*; Anónimo, *Schemata dianoae quae ad rhetores pertinent*. No séc. XIX, Carolus Halm reuniu e publicou os textos destes autores, 24 ao todo (*Rhetores latini minores* (ed. de Carolus Halm), Leipzig, Teubner, 1863 [reimpr. Frankfurt am Main, Minerva GMBH, 1964]).

¹⁵ Cassiodoro, *Institutiones divinarum et saecularium litterarum*, Herder, Wolfgang Bürgens, 2003.

¹⁶ *In Rhetores latini minores* (ed. de Carolus Halm), Leipzig, Teubner, 1863 [reimpr. Frankfurt am Main, Minerva GMBH, 1964], p. 607-618.

¹⁷ San Isidoro de Sevilla, *Etimologías* (ed. de Jose Oroz Reta e Manuel-A. Marcos Casquero), Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1993 (vol. I: libros I-X).

¹⁸ Balbo, João, *Catholicon*, Mainz, 1460 [reimpr. Westmead 1971].

¹⁹ BNL, cód. alcob. CCCXCVI/48, fls. 1-98v.

²⁰ BNL, cód. alcob. CDII/52, fls. 1-111.

²¹ As *artes dictaminis* (a arte que ensinava as regras para a composição das cartas e outros documentos em prosa), onde o modelo retórico ciceroniano é aplicado à composição epistolar, são parcas no desenvolvimento do *ornatus*, já que o importante é a exposição das partes da carte; as *praedicandi* (um género tipicamente medieval que se afasta consideravelmente do modelo retórico tradicional e relativo à oratória religiosa, sermão ou parenética) estão desprovidas do *ornato* e isso tem uma razão de ser: remontam a uma tradição anti-retórica dos primórdios que condenava os recursos estético-literários e para a qual o “bene loqui” não é resultado do “flos verborum”, mas sim do “recte vivere”.

IV livro da *Retórica a Herénio*, ao elaborar um quadro sinóptico onde as 64 figuras e tropos deste manual aparecem quase intactos em 9 livros de arte poética medievais. São eles²²:

- ONULF DE SPEYER, *Rhetorici colores*;
- MARBOD DE RENNES, *De ornamentis verborum*;
- ANÓNIMO do ms. de Saint-Omer;
- MATEUS DE VENDOME, *Ars versificatoria*;
- GEOFFROI DE VINSAUF, *Poetria nova*;
- GEOFFROI DE VINSAUF, *Summa de coloribus*;
- EVERARDO, o ALEMÃO, *Laborintus*;
- JOÃO DE GARLANDE, *Ars versificandi*;
- JOÃO DE GARLANDE, *Exempla honestae vitae*.

5. Os *colores rhetorici*: tropos, figuras e metaplasmos

Os *colores rhetorici* englobam os tropos (*tropus*), modo de transferir uma palavra para um outro significado, que, sendo um termo criado por Quintiliano, tem na *Ad Herennium* a designação de “figuras especiais”; as figuras da palavra ou de dicção (*schemata lexeos* em grego, *figurae verborum* em latim), que afectam a expressão linguística; as figuras de pensamento (*schemata dianoeas*, *figurae sententiarum*), que afectam a expressão das ideias e estão excluídas das figuras gramaticais de Donato; e os metaplasmos (alterações que algumas palavras recebem pelo acrescento, supressão ou alteração de uma letra que não lhes altera o sentido), ausentes da *Ad Herennium*.

Em anexo fornecemos um quadro sinóptico, no qual pomos em paralelo os *colores* e a terminologia adoptada por três influentes tratados que eram objecto de especial atenção nas escolas medievais: a *Retórica a Herénio*, o *Barbarismus* de Donato e as *Etimologias* de S.^{to} Isidoro de Sevilha.

6. Tratados de *colores* em Portugal

A condição de Portugal, país periférico e distante dos grandes centros culturais da Europa, teve reflexos na introdução da Retórica nos *curricula* escolares. Esta disciplina raramente aparece mencionada nos estudos pré-universitários: nas escolas monásticas e episcopais; quanto ao ensino universitário, só tardiamente é que aparece mencionada²³. A condição periférica de Portugal também teve reflexos na composição de manuais de

²² Faral, Edmond, *Les arts poétiques du XII.^e et du XIII.^e siècle*, Paris, Champion, 1971, p. 52-54.

²³ Quanto ao ensino universitário, a Retórica aparece mencionada no plano de estudos do Estudo Lisboense de 1432, depois de o Infante D. Henrique, organizador de ensino universitário quatrocentista, ter instalado no ano anterior a universidade em novas casas e ter aumentado o quadro das disciplinas. Estabeleceu, efectivamente, o ensino completo do *trivium* na Faculdade das Artes, e como o ensino do *quadrivium*, essencialmente científico, não tivera até então a consagração oficial, ele também o estabeleceu nos *curricula* escolares por forma que o Estudo Lisboense se tornasse similar das Universidades da cristandade. Porém, na organização do plano de Estudos Manuelinos (entre 1500-1504) já não aparece mencionada a Retórica entre as cadeiras de Artes; em seu lugar surge a Filosofia Moral, ao lado da Gramática e da Lógica (Carvalho, Joaquim de, «Instituições de cultura» in *Obra Completa*, VI, Lisboa, FCG, 1989, p. 7, 11 ss., 21).

retórica que abordassem o *ornatus*. Os autores portugueses foram, efectivamente, pouco criativos na produção de manuais, pelo que só lhes restava adoptarem manuais estrangeiros consagrados para aprendizagem e prática literária da *coloratio* do texto literário.

A recepção dos tratados clássicos ou de criação medieval está documentado no nosso país nalgumas fontes e catálogos de livrarias. A referência mais antiga em território português de um tratado de retórica clássico é a menção em 1218 dos dois livros do *De inventione* ou *Retórica Velha* de Cícero («duo libri de Retorica <scilicet> Tullii») num inventário de S.^{ta} Cruz de Coimbra²⁴. Também D. Duarte confiou a D. Afonso de Cartagena, bispo de Burgos, em missão diplomática na corte portuguesa entre 1421 e 1423, a tradução para castelhano deste tratado. O bispo de Burgos traduziu apenas o Livro I e fê-lo acompanhar de um prólogo²⁵. Porém, este manual, ainda que influente durante a Idade Média, não aborda o *ornatus* retórico, ficando-se pela primeira parte da retórica, a *inventio*.

Uma *Rhetorica ad Herennium*, *Retórica Nova* ou *Retórica Segunda*, naquele tempo atribuída a Cícero, em letra da segunda metade de Quatrocentos, guardava-se na livraria do mosteiro de Alcobaça, em códice enriquecido de copiosas notas marginais (como era tradição na Idade Média para as grandes obras jurídicas, teológicas ou filosóficas), o que revela o interesse nesta obra, que é a grande síntese da retórica antiga e é decisiva na consubstanciação de um primeiro catálogo de *colores*. Conserva-se agora incompleta na B.N.L., cód. alcob. CCCLXXXIII/285, fls. 298-343. É a referência mais antiga em território português deste tratado²⁶.

Todavia, os tratados da *ars rhetorica* privilegiados não são os extensos tratados dos autores clássicos, mas os tratados escolares posteriores: são mais pequenos, são sùmulas completas, são mais acessíveis e permitem uma aprendizagem mais rápida da arte. P. ex., alguns dos *Rhetores latini minores* (cuja existência em Portugal durante a Idade Média é desconhecida) ou os dois primeiros livros das *Etimologias* de S.^{to} Isidoro de Sevilha. A existência deste último durante a Idade Média está documentada em Santa Cruz de Coimbra: códice 17 de S.^{ta} Cruz – BPMP, ms. 21, fls. 1ra-185rb, com curtos comentários marginais (em letra do final do séc. XII ou inícios do séc. XIII)²⁷; e Alcobaça (códice em letra francesa do séc. XIII), agora presente na BNL: cód. alcob. CCIX/446, fls. 3v – 204v²⁸.

Surgem também nos catálogos das bibliotecas monásticas de Portugal tratados gramaticais que abordavam conteúdos retóricos, nomeadamente a teoria dos tropos e figuras, como as obras gramaticais de Prisciano, de Eberardo de Béthune e de Alexandre de Villedieu.

O primeiro, parte da obra gramatical de Prisciano: *De constructione*, *De barbarismo*, *De accentibus*, estudada em seguimento à *Ars minor* e *Ars maior* de Élio Donato, está

²⁴ Fernandes, Raul Rosado «Breve introdução aos estudos retóricos em Portugal» in Heinrich Lausberg, *Elementos de retórica literária*, Lisboa, FCG, 1993, p. 15.

²⁵ O «Libro de Marcho Tullio Ciceron que se llama de la Retórica» encontra-se na Biblioteca do Escorial. Foi reeditado por Mascagna, R., *La "rethorica" de M. Tullio Cicerón*, Nápoles, Liguori, 1969.

²⁶ *Inventário dos códices alcobacenses*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Lisboa, 1932, IV, p. 255-257.

²⁷ Nascimento, Aires Augusto & Meirinhos, José Francisco (coord.), *Catálogo dos códices da livraria de mão do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra na Biblioteca Municipal do Porto*, Porto, Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1997, p. 110-113.

²⁸ *Inventário dos códices alcobacenses*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Lisboa, 1932, V, p. 416.

documentada em Alcobaça na existência de dois códices, ambos valorizados por inúmeras glosas: BNL, cód. alcob. CD/51, fls. 1-115v (em letra de meados do séc. XIV) e BNL, alcob. CDI/78, fls. 1-61v, 62-68 e 69-76v respectivamente (em letra da primeira metade do séc. XIV) e consta ainda de um inventário de livros de Santa Cruz de Coimbra²⁹.

O segundo, o *Graecismus* de Ebrardo de Béthune (†1212), está documentado em Alcobaça na existência de três códices: BNL, cód. alcob. CCCXCVI/48, fls. 1-98v (em letra dos finais do séc. XII), códice muito deteriorado pelo uso e agora incompleto; CCCXCVII/49, fls. 1-65 (em letra da primeira metade do séc. XIV); CCCXCVIII/50, fls. 1-96v (em letra da segunda metade do séc. XIV), agora incompleto. Ao lado destes há um comentário anónimo e pormenorizado do *Graecismus: Glósulas ou Comento sôbre o Grecismus*: BNL, cód. alcob. CCCXCIX/204, fls. 1-73v (em letra da primeira metade do séc. XIV)³⁰.

O terceiro, o *Doctrinale* ou *Gramática Latina Versificada* do mestre Alexandre de Villedieu, com glosas, encontrava-se na livraria de Alcobaça (BNL, cód. alcob. CDII/52, fls. 1-111)³¹.

Em conclusão

Com esta comunicação, pretendemos abordar numa perspectiva retórica e diacrónica o tema da *coloratio* do texto literário. Com esse objectivo, expusemos o significado do termo *color* na Idade Média (um *corpus* de figuras e tropos), os seus antecedentes clássicos (primeiro, equivalente a *ornatus*, com o significado de bela apresentação literária; depois, uma específica estratégia argumentativa das *controversiae*, com o valor de retoque ou colorido favorável), os principais autores e manuais que o desenvolveram (destacando-se o anónimo da *Retórica a Herénio* e Donato) e o catálogo dos *colores rhetorici* que adornavam os textos. Também destacámos a recepção em Portugal de autores e manuais consagrados que abordavam o *ornatus* retórico, quer ligados à Retórica, quer à Gramática, já que, neste ponto, o contributo dos autores nacionais foi nulo.

²⁹ Cruz, António, *Santa Cruz de Coimbra na cultura portuguesa da Idade Média*, Porto, Biblioteca Pública Municipal do Porto, 1963, p. 193, 206.

³⁰ *Inventário dos códices alcobacenses*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Lisboa, 1930, I, p. 48ss.

³¹ *Inventário dos códices alcobacenses*, Lisboa, Biblioteca Nacional de Lisboa, 1930, I, p. 50-51.

Anexo

PSEUDO-CÍCERO, <i>Rhetorica ad Herennium</i>, IV livro	DONATO, <i>Barbarismus</i>, (Keil, IV, 395-401)	ISIDORO DE SEVILHA, <i>Etimol.</i> (I 36-37; II 21)³²
A) [Tropus]	A) Tropos	A) Tropos
Nominatio	Onomatopeia	Onomatopoeia
Pronominatio	Antonomasia	Antonomasia
Denominatio inventor pro invento inventum pro inventore instrumentum pro domino id quod facit pro re facta res facta pro id quod facit quod continet pro eo quod continetur id quod continetur pro eo quod continet	Metonymia	Metonymia
Circuitio	Periphrasis	Periphrasis
Transgressio	Hyperbaton (5 tipos): anastrophe hysteron proteron parenthesis tmesis synthesis	Hyperbaton (5 tipos): anastrophe hysteron proteron parenthesis tmesis synthesis
Superlatio	Hyperbole	Hyperbole
Intellectio pars pro toto totum pro parte unus pro pluribus plures pro uno	Synecdoche	Synecdoche
Abusio	Catachresis	Catachresis
Translatio	Metaphora	Metaphora
Permutatio per similitudinem per argumentum per contrarium	Allegoria ironia anthifrasis aenigma charientismos paroemia sarcasmos astysmos	Allegoria ironia anthifrasis aenigma charientismos paroemia sarcasmos astysmos
	Metalepse	Metalempsis
	Epitheton	Epitheton
	Homoeosis icon parabole paradigma	Homoeosis icon parabole paradigma

B) Figuras da palavra ou de dicção	B) Figuras da palavra ou de dicção	B) Figuras da palavra ou de dicção
	Anaphora	Anaphora
Repetitio		Epanaphora
Conversio		Antistropha (tropo)
Complexio	Epanalepsis	Epanalepsis
Traductio	Polyptoton	Polyptoton
Contentio		
Exclamatio		
Interrogatio		
Ratiocinatio		
Sententia		
Contrarium		
Membrum orationis		
Articulus		
Continuatio		
Compar		
Similiter cadens	Homoeoptoton	Homoeoptoton
Similiter desinens	Homoeoteleuton	Homoeoteleuton
Adnominatio	Paronomasia	Paronomasia
	Parhomoeon	Parhomoeon
	Prolepsis	Prolepsis
Gradatio		Climax
Subiectio		
Definitio		
Transitio		
Correctio		
Occultatio		
Adiunctio	Zeugma	Zeugma
Disiunctio	Hypozeuxis	Hypozeuxis
Conduplicatio	Epizeuxis	Epizeuxis
	Anadiplosis	Anadiplosis
Coniunctio	Syllepsis	Syllepsis
Interpretatio		Paradiastole
Commutatio		
Permissio		
Dubitatio		
Expeditio		
Dissolutio	Dialyton ou asyndeton	Dialyton
	Polysyndeton	Polysyntheton
Praecisio		Aposiopesis (f. pensamento)

Conclusio		
	Schesis onomaton	Schesis onomaton
		Hypallage
		Anthiteta
		Synonymia
		Epanodos
		Antapodosis
		Antanaclasis
		Antimetabole
		Exoche
	Hirmos	Hirmos (f. do pensamento)
C) Figuras do pensamento	C) Figuras do pensamento	C) Figuras do pensamento
Distributio		
Licentia		
Diminutio		
Descriptio		
Divisio		
Frequentatio		
Expolitio		
Sermocinatio		
Commoratio		
Contentio		
Similitudo		Similitudo (tropo): 3 tipos: a pari a maiore a minore
Exemplum		
Imago		
Effictio		
Notatio		Ethopoeia
Conformatio		Prosopopeia
Significatio per exuberationem per ambiguum per consequentiam per abscissionem per similitudinem		
Brevitas		
Demonstratio		

		Sententia (vários tipos): indicativae pronuntiativae imperativae admirativae comparativae superlativae interrogativae responsivae promissivae concessivae derogativae dehortativae adfirmativae praeceptivae vetativae negativae mirativae dolentis flentis similitudinis admonentis inidentis gementis exhortativae consolativae conmiserantis
		Chria
		Amphidoxae
		Procatalepsis
		Koenonosis
		Paradoxon
		Epitrope
		Parrhesis
		Energia
		Methathesis
		Epanalempsis
		Anamnesis
		Aparisis
		Aetiologia
		Characterismus
		Ironia
		Diasyrmos
		Efon
		Epangelia
		Parathesis

		Peusis
		Synaeresis
D) Metaplasmos	D) Metaplasmos	D) Metaplasmos
	Prosthesis	Prothesis
	Epenthesis	Epenthesis
	Paragoge	Paragoge
	Aphaeresis	Aphaeresis
	Syncope	Syncope
	Apocope	Apocope
	Ectasis	Ectasis
	Systole	Systole
	Diaeresis	Diaeresis
	Episynaliphe	Episynaloephe
	Synaliphe	Synaloephe
	Ecthlipsis	Ecthlipsis
	Antithesis	Antitheton
	Metathesis	Metathesis

³² As *Etimologias* merecem aqui uma referência, não pelo carácter inovador desta enciclopédia no campo da *coloratio*, mas antes pela sua popularidade.

Composto e paginado
na UNIVERSIDADE ABERTA

Impresso e acabado
na Publidisa Publicaciones Digitales S.A:

1.ª edição – 1.ª impressão – 200 exemplares

Lisboa, Novembro de 2010

Depósito legal n.º 320783/10